



## **O Ecofeminismo na relação das Práticas de Terapias Tradicionais de Bem Viver e Agroecologia. Um ensaio sobre as mulheres atingidas pela Barragem de Brumadinho (Minas Gerais) e Regência (Espírito Santo)**

PEREIRA, Maria Eliana Barbosa (Mayô Pataxó)<sup>1</sup>; OLIVEIRA, Jaqueline Rocha <sup>2</sup>; SILVA, Sirlane Maria do Carmo <sup>3</sup>

Neste ensaio abordaremos sobre o Ecofeminismo e as Terapias Tradicionais do Bem Viver no Cuidado com Saúde dos Atingidos pela Barragem de Brumadinho, localizada na região Leste de Minas Gerais, no município de Brumadinho - MG. Neste contexto, apresentamos reflexões a respeito dos processos de como as Terapias Tradicionais dialogam com o Ecofeminismo a Agroecologia, o Bem Viver e o campo da Educação Intercultural que tem por base o círculo de culturas da pedagogia de Paulo Freire. A partir de certo número de práticas das terapias tradicionais relatadas pelas pesquisadoras e diante da necessidade de elaborar o ensaio *Convergências e Divergências: Mulheres Feminismo e Agroecologia*, elaboramos uma questão principal e, a partir dela, um caminho de pesquisa, ou seja, refletir como as práticas de Terapias Tradicionais, o Ecofeminismo e a cosmovisão do Bem Viver podem constituir elementos de fortalecimento da Educação Intercultural e da agroecologia, já que tais práticas carregam/transportam/compartilham significados culturais, artísticos, míticos, sobretudo, quanto ao fortalecimento do Mundo do Sagrado – intimamente ligada à identidade dos povos tradicionais/ das comunidades do campo e sobretudo, das populações do enfoque deste estudo que são as mulheres atingidas e afetadas pelo sistema capitalismo/patriarcal, o qual destrói o planeta terra através de uma mineradora assassina. Essa questão serviu como hipótese e, ao mesmo tempo, como direção para a realização da pesquisa, isto é, uma investigação desenvolvida junto à epistemologia dos saberes ancestrais que é produzida tanto pelo campo de referência teórico-metodológico, quanto a relação destes com as problemáticas das mulheres atingidas pela barragem de Brumadinho.

Palavras-chave: Ecofeminismo, Terapias Tradicionais, Educação Intercultural, Bem Viver, Agroecologia

<sup>1</sup> *Maju Escola de Terapias Tradicionais e Saberes da Terra, Presidenta da Associação de Terapeutas das culturas tradicionais, Coordenadora do NEA Tokmã Kahap - mayopataxo@gmail.com*

<sup>2</sup> *Associação de Terapeutas das Culturas Tradicionais, Professora da Rede Pública de Minas Gerais – jaquelinerochageo@gmail.com*

<sup>3</sup> *Universidade Federal de Viçosa, DAH/Departamento de Artes e Humanidade, Dança - sirlaneapov@gmail.com*

## 1. Introdução:

As reflexões postas neste texto se originam de uma pesquisa desenvolvida no município de Brumadinho região Metropolitana de Belo Horizonte – Minas Gerais e no município de Regência (Espírito Santo). Minas Gerais vivenciou um dos mais dramáticos e violentos processos de colonização a partir de 1808, após a declaração de guerra da Coroa Portuguesa contra os povos originários, que foram desde então perseguidos e dizimados em um verdadeiro etnocídio que levou à discriminação, ao silenciamento e à invisibilização dos conhecimentos e práticas tradicionais. O modelo de desenvolvimento econômico implantado na região pautou-se na exploração predatória dos recursos naturais, levando à perda da biodiversidade, concentração fundiária, conflitos territoriais, degradação dos solos e da água, ou seja, uma crise socioambiental que culmina nos dois maiores crimes ambientais da história brasileira. Neste sentido Minas Gerais transformou num rio de lama criminosa pelo rompimento da barragem de Fundão Mariana em 5 novembro 2015, e da mina Córrego do Feijão da empresa Vale em Brumadinho, 25 de janeiro 2019, deixou 270 mortos, 11 continuam desaparecidos.

De acordo com o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), o rompimento da barragem provocou a destruição de 133,27 hectares de vegetação nativa de Mata Atlântica e 70,65 hectares de áreas de proteção permanente. Os impactos na saúde continua hoje no ano 2021, de forma muito preocupante conforme a autora Claudia Mayorga aponta que existem indicadores das equipes de saúde mental dos municípios impactados pelo desastre de que houve aumento do alcoolismo e uso de drogas, de todos os tipos de violência (em especial a doméstica), depressão, suicídios e tentativas, alguns surtos psicóticos, bem como efeitos psicossomáticos, tais como pressão alta, crises alérgicas, problemas respiratórios, de pele e outros, relacionados ou não à contaminação. Assim, percebemos que principalmente as mulheres e os povos e comunidades tradicionais, são os mais impactados pelos processos de invasão de territórios e dos corpos femininos, que é historicamente vigora desde que a colonização teve seu início no século XVI.

Neste cenário de violação dos direitos humanos e da mãe Terra em Brumadinho, destacam-se os seguintes sujeitos que atuaram de forma coletiva na promoção do Bem Viver por meio das terapias ancestrais: A Maju Escola dos Saberes Tradicionais, a Associação dos Terapeutas das Culturas Tradicionais que mobilizou a Paroquia do município de Divino-MG, o apoio da Prof. Dulce Maria Pereira (do Laboratório de Educação Ambiental, Arquitetura Urbanismo, Engenharia e Processos Sustentáveis-UFOP) e a anfitriã Maria Cândida Vianna (CHEP Centro Holístico de Saúde Psíquicos de Brumadinho) que acolheu o grupo de Terapeutas das Culturas Tradicionais em Brumadinho.

Neste ensaio almejou se fazer o registro da produção de Saberes Interculturais, bem como as práticas de terapias tradicionais e saberes da terra no processo de cuidado com as pessoas atingidas da

Barragem de Brumadinho. Neste contexto histórico cultural, vamos fazer um recorte especificamente para o território sagrado dos corpos femininos e a Natureza ou seja EcoFeminismo.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO: diálogos possíveis entre Ecofeminismo, Terapias Tradicionais, Educação Intercultural**

Conforme Lemgruber (2020) o Ecofeminismo pode ser compreendido como uma teoria que evidencia a condição de exploração tanto da mulher como da natureza, ambas dominadas pelo mesmo sistema patriarcal/capitalista/colonial que atua nas culturas e na sociedade. Esse modelo de sociedade que valoriza atributos masculinos como competição, progresso, individualidade, guerra, exploração e conquista em detrimento dos cuidados, afetividade, comprometimento que são atributos femininos. Nesse sentido, mulheres e natureza são vistas como alvos de dominação e exploração pelos mesmos motivos e valores ocidentais, masculinos, machistas, coloniais e patriarcais. Isso acontece também pelo ideal de 'progresso' onde corpos femininos passam a ser objetos de lucro e a natureza passa a ser um 'recurso' natural a ser explorado, e grandes impactos ambientais surgem a partir desse pensamento, a exemplo do rompimento da barragem de Brumadinho.

Contudo, a partir do Ecofeminismo busca-se compreender e dar visibilidade aos conhecimentos femininos, bem como os seus atributos e práticas. Sabemos que todos somos parte da natureza, e que muitas práticas da vida comunitária, a espiritualidade, os cantos e danças, os mitos, a medicina tradicional e os cuidados em harmonia com os ciclos naturais são inerentes a cultura feminina e suas práticas ancestrais, nesta cosmovisão os valores femininos ancestrais estão intrinsicamente relacionados as práticas de cuidados com a saúde, principalmente na medicina tradicional.

Segundo Organização Mundial de Saúde a prática da medicina tradicional é como um conjunto de práticas, enfoques, conhecimentos e crenças sanitárias diversas que incorporam medicinas baseadas em plantas, animais e/ou minerais, terapias espirituais, técnicas manuais e exercícios aplicados de forma individual ou em combinação para manter o bem-estar, além de tratar, diagnosticar e prevenir enfermidades. (OMS-2013, p.33)

De acordo com a PNEPS (Política Nacional de Educação Popular em Saúde) constituem-se por meio da apropriação e interpretação do mundo pelas classes populares, a partir da sua ancestralidade, de suas experiências e condições de vida, contemplando a escuta e o saber do outro na qual o sujeito é

percebido em sua integralidade e pertencente a um determinado contexto sociocultural. As práticas da medicina tradicional fortalecem as manifestações etnoculturais das comunidades e povos tradicionais. Conforme PNEPS (Política Nacional de Educação Popular em Saúde) estas práticas são desenvolvidas por diversos atores em distintos espaços, desde o espaço familiar, comunitário e mesmo institucional. Entre os muitos exemplos das práticas populares de cuidado e de seus atores podem ser citados raizeiros, benzedeiros, erveiros, curandeiros, parteiras, práticas dos terreiros de matriz africana, indígenas dentre outros.

Portanto, a medicina tradicional compreende a Memória Ancestral, a Educação Oral, o Mundo do Sagrado no conjunto de suas danças e cantos, brincadeiras e jogos, ritos e rituais, formas artesanais e pinturas, como também, a vasta Cosmogonia Ameríndia (mitos, contações, histórias e relatos inclusive sobre o surgimento do povo, da língua e das divindades).

Durante as práticas de cuidado com mulheres em Brumadinho com as Terapias Tradicionais, observamos os costumes alimentares das comunidades e a ligação das práticas de educação em saúde e Agroecologia. Neste sentido, fizemos uma roda de diálogo com grupo de Terapeutas de Brumadinho, e fizemos a seguinte proposta baseada na experiência de cura do grupo atingidos da Barragem de Mariana: a criação da Roda de cura Ancestral objetivando criar enraizamento ancestral, mas sobretudo estudar a história do Brasil colonial, a repetição da invasão colonial no século 21, com roupagem da mineração, hidrelétrica, agrotóxicos, queimadas criminosas, destruição das matas pelas madeireiras, garimpo ilegal.

Através da partilha das Terapias Tradicionais e saberes ancestrais, estamos escutando e registrando saberes culturais das mulheres. Neste contexto, o antropólogo Antônio Greco Rodrigues (2001) relata que "A medicina popular é o saber tradicional, que passa de pessoa a pessoa, fora do sistema acadêmico, constituindo o recurso tradicional dos povos tradicionais". De outro modo, a Medicina Tradicional, são saberes milenares oriundos de vários ancestrais dos povos e comunidades tradicionais, que resiste ao imperialismo da indústria farmacêutica, lutando para preservação dos conhecimentos milenares: terapêuticas da flora, fauna e dos minerais na região da mata atlântica.

A medicina popular empodera as mulheres e dar voz aos mestres(as) da cultura popular para expressarem os conhecimentos, assim o campo do saber popular passa pelo caminho da escuta, partilha, respeito, do bem viver dos povos e comunidades tradicionais. "Como qualquer outro campo do saber, a medicina popular tem seus profissionais que detêm um acervo particularmente grande de conhecimento ou são possuidores de uma virtude particular, como os raizeiros, as benzedoras ou os curandeiros. Entretanto esse é um universo onde não existe a apropriação exclusiva do saber por parte desses especialistas. Ele é partilhado por todo o grupo. Tanto podemos encontrá-lo no trabalho do raizeiro que faz seus remédios a partir dos vegetais nativos que recolhe no campo, como na seleção de ervas medicinais cultivadas nas sacadas dos apartamentos de uma metrópole." (Rodrigues, 2001)

O processo dos mestres(as) populares serem chamados para partilhar na Roda de Cura Ancestrais, vem evidenciar que o saber partilhado fortalece o campo de extensão e pesquisa para futuros educadores e educandos, na dimensão da etnobotânica de conhecimentos milenares, e sobretudo, trazer uma reflexão para os estudos da agroecologia para valorização da medicina popular na região e sobretudo fica evidente a relação do ecofeminismo com as práticas de terapias tradicionais e de cuidado.

## **2.1 Círculo de Cultura: a manifestação do Bem Viver e da Agroecologia**

Todas as produções e reproduções culturais estão em transformação, em processamento de novas informações, novos encontros, o que não significa que estão fadadas a desaparecer. Ao contrário, várias culturas de povos demonstram incessantemente sua vitalidade, sua viabilidade, sua atualidade, sua sofisticação de encontros com o mundo. Uma forma de construção coletiva de conhecimentos é o Círculo de Cultura – conceito que tem sua gênese no autor Paulo Freire. De acordo com Brandão (2010) os fundamentos dos Círculos de Cultura são os seguintes:

I - Cada pessoa é fonte original e única de uma forma particular de saber e, qualquer que seja a qualidade deste saber, ele possui um valor por representar uma experiência individual e de partilha social;

II - Assim também cada cultura representa uma forma original e autêntica de ser, viver, sentir e pensar. Cada cultura só se explica de seu interior para fora, e seus fundamentos 'vividos-e-pensados' devem ser fundamento de qualquer programa de educação ou de transformação social;

III - Ninguém educa ninguém, e ninguém se educa sozinho, embora as pessoas possam aprender e se instruir em algo por conta própria. Os seres humanos educam-se e mutuamente se "ensinam-aprendem" através do diálogo mediatizados por mundos de vivência e de culturas entre seres humanos, grupos e comunidades;

IV - Alfabetizar-se e educar-se significa muito mais do que ler as palavras e desenvolver habilidades instrumentais. Significa aprender a ler o próprio mundo, a partir de um processo dialógico em que mais importa o acontecer partilhado e Princípios do Bem Viver.

Assim, conseguimos visualizar e refletir a pedagogia de Paulo Freire na temática do círculo de cultura. Um momento de muitos aprendizados que também faz parte da construção metodológica do Círculo de Cultura são os Intercâmbios agroecológicos. Segundo Zanelli (2015), os procedimentos básicos na realização dos Intercâmbios envolvem oito etapas: mobilização; mística de abertura; apresentação dos participantes e das organizações; história da família anfitriã; caminhada pela propriedade; partilha de conhecimentos; oficinas, trocas de sementes e mudas; e confraternização. É válido destacar que a partilha de alimentos também é um espaço de construção coletiva dos conhecimentos agroecológicos.

Compreendemos que os princípios do círculo de cultura parte de uma mesma cosmovisão que o Bem Viver. Conforme Pataxó (2013) pelos princípios do bem viver o aprendizado acontece na

coletividade, com interface com os rituais e mitos, brincadeiras e jogos, contações e histórias, memórias escritas e faladas, sobretudo, quanto ao mundo do sagrado e suas relações com a vida cotidiana. Os recursos do processo educativo permeiam a cotidianidade: na luta pela terra, na luta pelos direitos à saúde, à educação, aos rituais e à vida mística/mitos. Pedagogia Ancestral indígena é transdisciplinar é construída através de uma pesquisa sobre os Ciclos de vida e da natureza através do calendário etnoambiental Pataxó, com a construção de uma agenda ambiental. Dela, vamos extraindo sub-temas e, dentro deles nossos problemas ambientais e suas possíveis soluções. (KANÁTYO PATAXÓ, 2013, p.25)

Segundo Alberto Acosta (2011) O Bem Viver é uma filosofia em construção, e universal, parte da cosmologia e do modo de vida ameríndio, mas que está presente nas mais diversas culturas. Está entre nós, no Brasil, com Teko Porã dos Guaranis. Está também na ética e na filosofia Africana do Ubutum-"Eusou porque nós somos". Assim, quando pensamos a pedagogia das Rodas de Terapias Tradicionais, a temática do Bem Viver nos abriu horizontes de possibilidades de pensarmos um novo mundo possível para se viver.

Sobre Pedagogia ancestral do bem viver, a autora Tayassu (2012) compreende a Memória Ancestral, a Educação Oral, o Mundo do Sagrado no conjunto de suas danças e cantos, brincadeiras e jogos, ritos e rituais, formas artesanais e pinturas, como também, a vasta Cosmogonia Ameríndia (mitos, contações, histórias e relatos inclusive sobre o surgimento do povo, da língua e das divindades, mas sobretudo, as medicinas sagradas. Esse é um campo vivo, em movimento, cuja História (mais oral que escrita) considera os processos de pertencimento quanto aos saberes primeiros, ligados à educação milenar desses mesmos povos referente ao cuidado da Terra.

Quando realizamos as práticas de terapias, é uma forma de respeitar, integrar, contemplar a cultura, os saberes, as tradições, as memórias e as línguas dos povos tradicionais, por isso, tal Educação é um campo vivo, em movimento, cuja História (mais oral que escrita) considera os processos de pertencimento quanto aos saberes primeiros/primitivos ligados à educação milenar desses mesmos povos referente o cuidado da Terra.

Eduardo Oliveira (2007), nos pontua sobre a "Filosofia da Ancestralidade e Cosmovisão Africana" e em seus estudos, o mesmo apresenta a questão como um conjunto de elementos culturais, sociológicos, religiosos etc., presentes em qualquer parte do planeta e envolve processos históricos e ideológicos, assim o autor deixa claro sua opção pelo estudo da ancestralidade africana e pelo recorte de pensar a "África que interessa ao Brasil, e pelo Brasil que se africanizou desde essa África aqui reconstruída. Neste contexto para realização Roda de Cura Ancestral de Brumadinho (foram realizadas quantas Rodas pesquisar) da pedagogia do bem viver, as entidades parceiras, juntamente com as comunidades anfitriãs, organizam o evento buscando sempre a inclusão e participação dos mestres(as) populares e grupos culturais da comunidade local e vizinhas, além de palestras, rodas de conversa e

oficinas de saberes tradicionais e práticas de cuidado em saúde. Durante as rodas, a alimentação é feita com a participação da comunidade local, procurando valorizar sua agrobiodiversidade e tradições culinárias. Queremos registrar a mesa com alimentação tradicional indígena e afrodescendente e a diversidade agroecológica nela presente.

Conseguimos refletir que Rodas de Cura Ancestral de Brumadinho, trouxe o debate das práticas do Bem Viver tem uma relação com conhecimento da agroecologia. De acordo com Mario Rodrigues "quando falamos do Bem Viver, é muito importante refletirmos em outras dimensões: da política, da economia, da natureza, dos bens comuns, das relações, da construção familiar, da construção da vida cotidiana, do nosso encontro com as coisas. É no ancestral colocado no presente, que constrói, e se cria o BEM VIVER.

Nesse sentido, a Agroecologia é um campo de conhecimento que articula e integra saberes populares e científicos, bem como aceita o desafio de produzir novos conhecimentos a partir desse encontro. Dessa forma é um novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável. Esse campo, a partir de seus princípios e de suas experiências concretas, aponta a necessidade de construção de relações mais igualitárias e equitativas com o outro, seja este outro ambiente ou outro ser humano (ANA, 2008)

Assim, na participação da Roda de Cura Ancestral, observamos como muitas pessoas estão compreendendo a temática do Bem Viver, que consiste no cuidado com nossa ancestralidade no espaço de tempo aqui e agora, evidenciar as práticas de conhecimentos tradicionais. Com as Práticas das Terapias Tradicionais, estão intrinsecamente ligado com manejo agroecológico, cultivar as plantas medicinais, ao fazer as tintura, fazer os florais, as homeopatas. Precisamos de meio ambiente saudável e sem agrotóxicos. Somos os guardiões da Roda de Terapias Tradicionais, ela está girando e levando muitos conhecimentos, muitos desafios na sua execução. Mas, com pessoas comprometidas com causa do bem viver, seguimos com desafios e muita esperança. Que estamos plantando sementes crioulas de cuidado com mãe terra.

### **2.3. da teoria à prática: As terapias tradicionais realizadas no processo de cuidado com a saúde das mulheres atingidas pelas barragens.**

Segundo José Alejandro González (2009) a Medicina Tradicional são sistemas de cuidado com a saúde que têm suas raízes em conhecimentos profundos sobre a saúde e a doença que os diferentes povos indígenas e rurais acumularam através de sua história, fundamentados centralmente em uma cosmovisão, que para os países latino-americanos tem origem pré-colombiana, e que enriqueceu a dinâmica das interações culturais, com elementos da antiga medicina espanhola e portuguesa, a influência de medicinas africanas e a medicina científica, além de incorporar elementos terapêuticos de outras práticas que lhes

são afins e que são suscetíveis de ser compreendidos e utilizados desde sua própria cosmovisão e âmbito conceitual.

Para José Alejandro González (2009) os terapeutas ou médicos tradicionais são as pessoas que realizam ações no âmbito comunitário para prevenir as doenças, curar ou manter a saúde individual, física ou espiritual, coletiva e comunitária, enquadradas em uma forma de interpretar o mundo que as rodeia (cosmovisão) de acordo com sua cultura e as delimitações explicativas de seu sistema médico tradicional.

No Encontro Ancestral em Areal, participamos com diversidade de terapêuticas: terapia do sonho, plantas medicinais e feitiço das comidas sagradas para o almoço de cura dos participantes: mandioca de sete ervas, leite de cacau com coco, caldo de mandioca com “orai por nobilis”. Participamos do Ritual de Cura do Rio Doce com muitos mestres populares, curandeiros, benzedeadas, indígenas, quilombolas, ribeirinhas, pescadores. Neste momento o sol estava muito quente. Iniciamos dando argila sagrada com água para as pessoas beberem e passando argila branca nos seus rostos. Foi um momento muito profundo de força espiritual. Fizemos o Círculo Sagrado Feminino. Somente mulheres dentro da Foz do Rio Doce. Este momento foi de encantamento e empoderamento do amor das mulheres. O feminino gestando a cura do rio. Com Rituais Indígenas chamando a cura do Rio Doce. Ao final desta prática foram colhidos alguns depoimentos dos participantes.

“Sou do coletivo Aliança Rio Doce, do movimento a Janela Rio Doce, em Regência estado do Espírito Santo. O Nagô e a Mayô Pataxó, da Escola Majú, tem papel importantíssimo na, na minha formação quanto terapeuta, enquanto guerreiro do Rio Doce, enquanto alguém engajado nas causas populares comunitárias de ancestralidade, na região impactada pelos rejeitos de mineração da Samarco. O Nagô, representa né, para mim aqui, uma inspiração, porque é um núcleo que consegue fazer um bom diálogo, tanto com a universidade com o ambiente acadêmico, quanto com as comunidades e populações ancestrais, e traz uma força, com clareza, leveza, e com bastante resistência e luta, vocação bem clara de intermediar as relações entre o estado eo povo. Então, considero a Nagô como um exemplo funcional, para vida, para minhas práticas.

A Escola Majú , eu sinto também que ela traz também essa, essa força né, da educação. Assim como o Nagô traz, enquanto um espaço de criação de boas práticas de bem viver, um espaço que compartilha o saber, e coloca como protagonista do processo, os homens e mulheres, portadores dos saberes tradicionais. E e com isso, a Escola Maju também serve de muita inspiração, porque dá o protagonismo as comunidades tradicionais, e seus anciãos e anciãs, portadoras do conhecimento.

Me admira muito poder contar com uma escola que ensina por exemplo, a benzer, habilidade fundamental para passar pelas dificuldades que estamos passando hoje e habilidade também que está bem tímida nas práticas. A gente tem pedido às benzedeadas e aos benzedeados, precisa formar uma escola popular. Formar os benzedeados e as benzedeadas que há em nós, então a Escola Majú trás. Nos coloca nessa posição de terapeutas populares. Primeiro para poder cuidar de nós mesmo, e cuidar daqueles que estão em volta. Então tanto Nagô, quanto à Escola Maju, traz essa força da partilha, da divisão do conhecimento, do compartilhamento dos saberes ancestrais. A Mayô Pataxó, falo sim, mas especificamente assim, eu a considero para minha formação, a minha pajé minha mãe Jé, né. Porque me inspiro muito nas práticas dela. Me sinto guiado pela



força da Oca Tokmã Kahap, onde eu pude colocar ali , me colocar a serviço dessa força Pataxó.

Mayô pra mim é uma coluna, um esteio nas minhas práticas terapêuticas e da minha espiritualidade. Eu tenho uma conselheira, uma mamãe, uma irmã, uma guia espiritual, minha xamã, minha mãe Jé. Eu amo muito essa generosidade que Mayô tem em dividir, partilhar os conhecimentos que ela carrega. Eu agradeço muito, a presença dela, não só na minha vida mas também na vida do meu coletivo e também do movimento Janela do Rio Doce. Todas as participações dela aqui na Foz do Rio Doce foram muito poderosas. Então ela traz essa Força Pataxó de forma simples e de fácil assimilação. Então a presença dela na comunidade de Areal foi muito poderosa, muito firme, e a gente agradece muito essa guiança, dessa importante mãe Jé, importante Pajé, aí no médio Rio doce. Que venha sempre abençoar a gente aqui. É isso que eu considero esses três personagens aí do Rio Doce na minha vida e na vida do meu coletivo. (Informante 2, 2020).”

Em Brumadinho realizamos rituais Indígenas, Mitoterapia, Arteterapia, Constelação Sistêmica Familiar, Terapia Comunitária, Terapia Corporal, Fitoterapia, Terapia de Florais, Homeopatia, Reiki Xamanico Amadeus, Bambuterapia, Relaxamento, Geoterapia (uso da terra com chás de plantas), Acupuntura, Auriculoterapia, Ventosoterapia, Moxoterapia, Comidas Sagradas, Harmonização dos Chackras. Visitamos o Parque das Cachoeiras. Muita tristeza pela destruição da natureza e ao ver as casas repletas de lama. Fizemos um ritual indígena de cura da Terra. Enterro Simbólico das pessoas que estão desaparecidas. Após a Roda de Saberes da Cultura Alimentar Indígena e Agroecológica registramos alguns depoimentos de moradores de Brumadinho<sup>4</sup>:

“Agradeço de forma profunda a todos Terapeutas voluntários pelo amor.”

“As Terapias trouxe esperança de continuar a viver, muitos rostos marcados pelas lágrimas e dores profundas, recebeu acalento, afago de várias mãos.”

“Como aliviou a angustia que estava sentido”

“Eu cheguei carregada de tanta dor no peito, depois da terapia corporal estou melhorando”

“Hoje vi muitos rostos transformado pela dor, saírem transformado pelo amor, com sorriso nos lábios e o brilho devolvido para olhos. Agradeço imensamente a todos terapeutas que contribuíram para estas transformação, para essa curas .Que Deus Abençoei a Todos.”

---

<sup>4</sup> Optamos por não colocar nome das pessoas para proteção dos informantes.

“Tenho 22 anos. Nasci, cresci e me criei na cidade de Brumadinho Minas Gerais. Fiquei na cidade até meus 16 anos, e depois saí, passei por outros estados e depois retornei para cidade de Brumadinho. Na ocasião do rompimento da barragem de Brumadinho, eu estava lá, morando com a minha família, com a minha filha, com o pai da minha filha, no bairro Santa Efigênia. Como toda a população, senti e vivi o impacto desse rompimento da barragem, na mudança dos percursos da vida de cada um que estava ali. Porém, cada um, eu acredito que leva e vivenciou essa situação de uma forma. Eu não perdi ninguém próximo né, da minha família. Porém, tudo que aconteceu deixou danos irreparáveis emocionalmente, psicologicamente, para toda minha família que reside até hoje no Parque da Cachoeira, que foi um lugares mais afetados pela lama. Então hoje em dia eu convivo com essa marca. Todos nós convivemos. Cada um teve uma experiência com isso, e a experiência que eu tive foi de olhar para essa situação de uma outra forma. A partir do momento que eu tive essa oportunidade de olhar para essa situação transcendendo a situação material que aconteceu, a gente teve respostas. Nesse momento onde várias organizações, pessoas, seres, vinham de encontro a Brumadinho, para poder dar um auxílio. A gente recebeu um auxílio muito auspicioso, muito necessário, de todo o grupo de terapeutas da Escola Maju dos Saberes Tradicionais de Caratinga.

Eles fizeram junto com a população um plantão terapêutico. Durante três dias a gente conseguiu atender pessoas que estavam em estado de choque ainda. Porque ainda era um momento muito recente. E não só ter feito esse plantão terapêutico para as pessoas e ido nas comunidades como alguns grupos, mas o que essa movimentação, desse grupo de pessoas da Escola Maju, ter deixado para gente de Brumadinho principalmente para as pessoas que assim como eu, já estava nesse trabalho, já estava nessa sintonização, e que ficou lá depois, para dar continuidade ao que trouxeram. Então, para mim, a minha experiência desse contato, foi uma semente que foi deixada, uma semente de amparo. Não só uma semente de amparo, mas muitas medicinas, plantas, pomadas, florais, foram deixados, doados para a comunidade. Essas mesmas medicinas foram deixados comigo, e essas mesmas medicinas puderam ajudar outras pessoas, não só as medicinas, mas a troca de saberes, o acolhimento, que alimentou um grupo específico de pessoas de Brumadinho, e que foi multiplicando e multiplicando. Então a minha experiência com esse contato, como eu falei, é uma experiência que foi uma resposta. Mandaram um envio das forças divinas mesmo, para nos auxiliar.

Na nossa comunidade foi algo muito benéfico, e que é até hoje. Daí surgiu o Encontro de Cura Ancestral de Brumadinho. Já foram realizados mais de dez encontros. Foram acontecendo, a cada mês, e muitas curas durante estes aconteceram, a partir dessa semente que foi deixada no primeiro contato. Eu gostaria apenas de agradecer mesmo toda essa movimentação, todas as pessoas que fizeram isso acontecer e ser possível, e isso sim, ajudou muitas pessoas e continua ajudando e reverberando toda a intenção que essa ação provocou, quando saiu da sua cidade, quando essas pessoas saíram da suas casas e foram até Brumadinho para levar um auxílio, esse auxílio chegou, esse auxílio foi bem recebido, e esse auxílio gerou e anda gerando muitos frutos. (Informante 1, 2020).

“Olá sou, psicóloga, terapeuta, moro em Brumadinho. Estou aqui para falar a respeito do encontro da Maju Escola em fevereiro de 2019. Após o rompimento da barragem de Brumadinho. Foi momento que a gente estava na linha de frente há uma semana. Os terapeutas e eu, especificamente, estava bem cansada e vários voluntários desgastados. Assim o acaso do universo a gente encontrou Mayô. A Mayô me encontrou, e então combianamos a vinda dos terapeutas da Maju Escola dos Saberes Tradicionais de Caratinga-MG para Brumadinho. Durante o fim de semana, a gente fez um plantão terapêutico na minha clinica CHP (Centro Holisitico de Estudos Psiquicos de Brumadinho). Reunimos alguns terapeutas de Brumadinho e os terapeutas da Maju Escola veio nos apoiar, nos fortalecer para que a gente pudesse continuar com esse apoio intensivo à população de Brumadinho. Foi realmente muito especial, de uma grande importância, muito significativo. A partir dai, através de uma missão que Mayo Pataxo teve uma visão de fazer os Encontros de Cura Ancestral. Para fazer o encontro mensal para Cura Ancestral de Brumadinho. Então começamos a nos organizar, a encontrar a população de Brumadinho, com os terapeutas com anciões do local para Troca de Saberes para nos fortalecer. Foi momento de grande importância e muito significativo para mim e a todos que ali tiveram juntos com os terapeutas da Maju Escola dos Saberes Tradicionais. Um Abraço. Obrigado. (Informante 3).”

Esta foi a colheita das sementes lançadas em Brumadinho, MG e em Regência, Espírito Santo.

### **3. Conclusão**

Esse projeto vem ganhando espaço à medida que os resultados obtidos se mostram positivos quanto aos objetivos propostos. Com base nos círculos de cultura e instrumentos de metodologias participativas de ensino-aprendizagem, os encontros trataram de temas relacionados à saúde, meio ambiente, agroecologia, ecofeminismo e bem viver. O formato em rodas de conversa possibilitou a construção de saberes, bem como uma alternativa de equilíbrio entre corpo e mente, promovendo o bem viver dos participantes.

É possível verificar uma melhora na saúde dos participantes desse projeto, tendo como respaldo pesquisas de diversos autores, onde se encontram argumentações a respeito da importância de tais práticas de terapias ancestrais para a vida do ser humano.

Contudo, num contexto refletindo as práticas de outros povos tradicionais, o que nos falta na nossa região, no nosso país é apoio acadêmico para sistematizar e registrar os conhecimentos, e políticas públicas federais para garantir, apoiar, incentivar nosso cuidado com saúde de forma natural, e protegendo o meio ambiente.

Os terapeutas tradicionais fazem um trabalho de cuidado da saúde preventiva, ou seja, cuida da pessoa, educa através das práticas de alimentação agroecológicas, ensina fazer os chás e orienta a cuidar da natureza, pois os agrotóxicos é maior causador de doenças de câncer na região. Na Roda de Terapias Tradicionais, ficou evidenciada que muitos terapeutas se utilizam da prática de cuidado com saúde como forma de produção e renda. Fortalecendo o empoderamento e autonomia no que concerne trabalho e renda e cosmovisão do Bem viver.

É válido considerar que com as práticas dos terapeutas tradicionais da Associação de Terapeutas das Culturas Tradicionais Escola Maju de Terapias Tradicionais, observamos que muitos terapeutas estão entrando na rede de agroecologia, pois todo terapeuta tradicional tem no coração ancestralidade do cuidado do passado, e das futuras gerações, assim sendo, precisa ter na alma o sistema do Bem viver. Cuidar da terra com simplicidade de amor!

Através dos relatos dos terapeutas das culturas tradicionais, compreende-se que todos os valores femininos são de grande importância, e que cuidar é também um ato político, na medida em que anunciamos outros modos de viver em harmonia com os ciclos naturais ou que denunciemos que a natureza chegou ao seu limite. Assim, rompemos com os valores capitalistas e patriarcais, e damos visibilidade a uma ética do cuidado, do qual as mulheres, e que por muitas vezes foram invisibilizadas, são protagonistas.

Vivemos o antropoceno, e os resultados já estão colocados como o crime ambiental da Vale do Rio Doce, deixando o rio coberto de lamas. Por outro lado, as mulheres com suas práticas de terapias tradicionais enunciam outro modo de bem viver.

**Prof. Dulce Pereira pelo carinho em apoiar a Maju Escola dos Saberes Tradicionais, aos parceiros MAB, Caritas, a Paróquia do Divino nossa gratidão.**

#### **4. Bibliografia**

ACOSTA, Alberto. O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Tadeu Breda, São Paulo: Editora Elefante, 2011.

BERKES, F. Sacred ecology: traditional ecological knowledge and resource management Taylor and Francis. London Science and the St Elias, v. 203, 1999.

BOLSANELLO, D. P. Em pleno corpo: educação somática, movimento e saúde. Curitiba: Juruá, 2010.

BORTOLOTTI, Chiara. A salvaguarda do patrimônio cultural imaterial na implementação da Convenção da Unesco de 2003. Revista Memória em Rede, Pelotas, v.2, n.4, p.5-17, 2010/ 2011. BRASIL. Política Nacional de Educação Popular em Saúde. 2012.

BURKE, J.; ORNSTEIN, R. O presente do fazedor de machados: os dois gumes da história da cultura humana. Tradução de Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História Oral: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.